

EXISTE "HUMOR MOLEQUE"? ESTUDO SOBRE OS MAMONAS ASSASSINAS E HERMES E RENATO

WHAT IS "BOYISH HUMOR"? STUDY OF MAMONAS ASSASSINAS AND HERMES E RENATO

¿QUE ÉS EL "HUMOR CHAVO"? UN ESTUDIO DE MAMONAS ASSASSINAS Y HERMES E RENATO

Ricardo Cortez Lopes

Resumo: Existem muitos tipos de humor, e pretendemos contribuir neste espaço com um estudo sobre o humor de tipo "moleque". O foco empírico da investigação, para verificar a hipótese de se esse tipo existe, foram os escritos dos grupos humorísticos Hermes e Renato (anos 2000) e Mamonas Assassinas (década de 1990), extraídos de transcrições e das letras de ambos os grupos. Foi utilizada a análise de conteúdo para determinar 4 categorias, a saber: trapaça, família, violência e trabalho. Os resultados indicaram a presença de um humor característico, focado na suspensão da estrutura social para negá-la

Palavras-chave: Humor moleque. Mamonas assassinas. Hermes e Renato. Análise de conteúdo.

Abstract: There are many types of humor, and we intend to contribute in this space with a study on "tomboy" humor. The empirical focus of the investigation, to verify the hypothesis of whether this type exists, were the writings of the humorous groups Hermes and Renato (2000s) and Mamonas Assassinas (1990s), extracted from transcriptions and lyrics from both groups. Content analysis was used to determine 4 categories, namely: cheating, family, violence and work. The results indicated the presence of a characteristic mood, focused on suspending the social structure to deny it.

Keywords: Boyish humor. Mamonas assassinas. Hermes and Renato. Content Analysis.

Resumen: Hay muchos tipos de humor, y pretendemos contribuir en este espacio con un estudio sobre el humor "chavo". El foco empírico de la investigación, para verificar la hipótesis de si este tipo existe, fueron los escritos de los grupos humorísticos Hermes e Renato (década de 2000) y Mamonas Assassinas (década de 1990), extraídos de transcripciones y letras de ambos grupos. Se utilizó análisis de contenido para determinar 4 categorías, a saber: trampa, familia, violencia y trabajo. Los resultados indicaron la presencia de un estado de ánimo característico, centrado en suspender la estructura social para negarla.

Palabras clave: Humor chavo. Mamonas assassinas. Hermes Y Renato. Análisis De Contenido

1 INTRODUÇÃO

O humor é objeto de extensa reflexão nas ciências sociais, mais especificamente quando se trata de perceber as relações de dominação escondidas por meio de seu processo derrisório. Porém, o fenômeno do humor é muito mais amplo e se apresenta viável a uma grande sorte de estudos. Aqui propomos estudar o humor de tipo “moleque” por meio da comunicação oportunizada pela banda de rock cômico Mamonas Assassinas (MA) e o grupo cômico Hermes e Renato (HR). O objetivo é entender as características em comum que permitem constituir um gênero humorístico.

Metodologicamente, o estudo abordou qualitativamente as letras dos MA - que atuou nos anos 1990 antes de um acidente fatal de avião após 365 shows - e alguns quadros humorísticos do programa Hermes e Renato - que atuou com mais destaque nos anos 2000 no Brasil, na Music Television (MTV).

O adjetivo “moleque” é uma expressão utilizada para algumas outras manifestações culturais brasileiras, como, por exemplo, o “futebol moleque”, ou como uma ofensa para homens adultos. Cabe ressaltar preliminarmente que, do ponto de vista técnico, vamos chamar os eu-líricos e os personagens de “moleques”. Isso promove, de certo, uma inversão do título: seriam os moleques no humor e não o contrário. No entanto, como o sucesso dos grupos ocorreu por via do humor, podemos construir a hipótese de que eles construíram um humor com características moleques.

Para começar o estudo, devemos definir o que é humor e o que é “moleque”, para que comece o contorno do conceito unido. Cabe ressaltar, já de saída, que não se trata de humor infantil (por não ser ingênuo) e nem pastelão (pois ele lida diretamente com a cultura compartilhada).

2 TEORIA DO HUMOR

O humor é um termo polissêmico por si só, e possui um alcance bastante longo. A começar, a palavra tem um sentido científico:

A palavra humor deriva do latim humor, que significa líquido. Na fisiologia, equivale à substância orgânica líquida ou semi-líquida. Na anatomia, fala-se de humor aquoso, por exemplo, produzido no olho. Na linguagem corrente, usamos o termo para indicar uma disposição do espírito: Dependendo de seu humor, irá ou não conosco (ZILLES, 2003, p.83).

Ou seja, o humor também é utilizado nas ciências do comportamento na medida em que descreve um estado temporário da personalidade, naquilo que ela comunica com os outros indivíduos. Na dimensão filosófica, no entanto, há uma maior complexidade:

O humor parte de uma abertura da pessoa em relação às coisas sensíveis, de uma entrega ao claro-escuro dos sentimentos, de uma percepção perspicaz da ambigüidade da existência. Exige distanciamento e reações imediatas. Preenche este espaço com sentido. O espaço ocupado por aquilo que vem do exterior é o do coração. Aí a realidade informe é envolvida pela esfera da vida. Dessa maneira, perde consistência e univocidade e passa a ser vivificada e transformada. O humor dá as razões ao ambíguo e questionável da existência. Transforma o mundo a partir das coisas pe que nas, cotidianas e rotineiras (ZILLES, 2003, p.84).

Assim, o humor é extremamente ambíguo, o que é a sua principal qualidade: justamente um sentido se constrói a partir disso e daí se cria o dispositivo do humor. Assim, lida com figuras de linguagem, especialmente a linguagem conotativa dando novos sentidos para a linguagem denotativa. Os usos dessa conotação variam muito, porém o efeito é o mesmo: gerar a reação do riso, ou seja, da suspensão do estado normal do organismo. Quais as metodologias para se alcançar o riso?

Toda análise de humor considera as três teorias que explicam como ele é construído: Superioridade, Incongruência e o modelo de Tensão Relaxamento. A Teoria da Superioridade afirma que "o divertimento [...] emerge de sentimentos elevados de valor próprio após a difamação verbal de um alvo" [...] A Teoria da Incongruência é cognitiva por natureza e salienta que o divertimento se deve ao inesperado. De

acordo com Raskin, o modelo de Tensão-Relaxamento (também chamado de Teoria do Alívio) postula que o humor “promove liberação de energia mental, nervosa e/ou física” [...] (TABACARU, 2015, p.116).

Assim, o humor pode provir de diferentes fontes, seja pela superioridade, pela surpresa, pela incongruência ou pela surpresa do relaxamento. Não fica difícil detectar que as teorias críticas costumam focar seus esforços na análise da superioridade. O importante é que, se há diferentes fontes da comunicação humorística, há também a possibilidade de subtipos de humor. Um deles, por exemplo, seria o humor moleque?

3 MOLECAGEM, GÊNERO E PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO

Uma vez definido o conceito de humor, podemos partir para o segundo elemento, o adjetivo “moleque”. O termo tem sido definido por meio dos estudos étnicos: Destarte, propus, inicialmente, por molecagem, confesso, entender esse “humor moleque cearense” como potência e representação (NETO, 2017, p.67). Nesse caso, o termo representação indica o sentido construtivista do termo (LOPES, 2024).

Culturalmente, a molecagem é uma expressão popular brasileira para determinar aquilo que pertence ao moleque, ou seja, referente à mentalidade de alguém do gênero masculino de tenra idade. Nesse ponto da vida, é possível afirmar que se trata de um indivíduo em maturação, cujo pensamento é muito levado ainda pela circunstância. Por esta perspectiva, o moleque tem mais a ver com gênero do que com psicologia do desenvolvimento, porém não deixa de ter componentes dos dois. É, portanto, um construto híbrido, nesse sentido.

Ou seja, o moleque é um homem que não está na fase adulta, que não se tornou *comunitas* e nem chegou à liminaridade. Nesse sentido, ele não está interessado em nada que não o seu bem pessoal (o narcisismo). Então a molecagem é psicologicamente o estado de adolescência (onde há o self) e culturalmente o estado.

Pela definição da psicologia do desenvolvimento, o moleque poderia ser definido na: “[...] alternância de posições em que o adolescente foi visto ora como dominado por paixões e tormentas, ora como sujeito pleno de racionalidade” (OLIVEIRA, 2006, p.248), “sendo que a variabilidade entre os sujeitos foi reduzida a uma ordem previsível de aquisições que serve de critério para as práticas junto a essa população” (HILLESHEIM; GUARESCHI; 2007, p.86). Ou seja, a molecagem poderia ser ao adolescente masculino (numa perspectiva de gênero) que não chegou a se tornar masculino, pois a “[...] masculinidade tradicional e estereotipada, se opõe aos valores vitais para as relações humanas, como exemplo está a ética, a solidariedade, o reconhecimento mútuo, o respeito à vida e à individualidade e a diversidade humana” (PASCHOALICK; LACERDA; CENTA, 2006, p.81).

No entanto, para além de encarar o moleque como essa intersecção entre psicologia do desenvolvimento e gênero, gostaríamos de fazer alusão ao seu lugar social por meio das discussões sobre liminaridade e *comunitas*, que possuem relação direta com os estudos de humor:

Experiências que irrompem em tempos e espaços liminares podem ser fundantes. Dramas sociais propiciam experiências primárias. Fenômenos suprimidos vêm à superfície. Elementos residuais da história articulam-se ao presente. Abrem-se possibilidades de comunicação com estratos inferiores, mais fundos e amplos da vida social. Estruturas decompõem-se – às vezes, com efeitos lúdicos. O riso faz estremecer as duras superfícies da vida social. Fragmentos distantes uns dos outros entram em relações inesperadas e reveladoras, como montagens (DAWSEY, 2005, p.165).

Assim, há uma percepção de uma estrutura social ao qual os indivíduos podem ou não corresponder, e que o riso é justamente o desajustamento dela. Ou seja, o riso por meio do humor suspende a estrutura:

Nos momentos de suspensão das relações cotidianas é possível ter uma percepção mais funda dos laços que unem as pessoas. Despojadas dos sinais diacríticos que as diferenciam e as contrapõem no tecido social, e sob os efeitos de choque que acompanham o curto-circuito desses sinais numa situação de liminaridade, pessoas podem ver-se frente a frente. Sem mediações. Voltam a sentir-se como havendo sido feitas do mesmo barro do qual o universo social e

simbólico, como se movido pela ação de alguma oleira oculta, recria-se. A essa experiência Turner dá o nome de *communitas* (DAWSEY, 2005, p.166)

O humor consegue justamente evidenciar as estruturas do social para causar o efeito risivo. No caso estudado, a *communitas* é a sociedade como um todo (no qual está o adolescente), enquanto o chefe (o homem adulto) já passou pelo processo de liminaridade e já consegue pensar para além de suas necessidades mais imediatas.

Assim, o moleque está em estado de individualidade, então dificilmente ele será alguém da aristocracia, o que o diferenciaria do malandro na medida em que o malandro utiliza-se da trapaça.

Logo, já é possível delimitar um tipo teórico de humor de moleque, caracterizado pelo enfoque nas necessidades individuais masculinas e que brinca com as estruturas sociais. Será que essas características ressoam no material empírico? A investigação seguirá alguns procedimentos metodológicos.

Analisaremos letras e transcrições de roteiros produzidos pelos grupos, assim, uma análise textual, mais especificamente de conteúdo (BARDIN, 1977), buscando as condições de produção subjacente no texto - no caso, a concepção de humor, aquilo que pode vir a ser engraçado para o público que acompanha. É claro que elementos audiovisuais subjacentes (a melodia e as cenas) compõem parte das mídias e a sua análise enriqueceria a trama empírica. No entanto, a escrita, pelo uso da letra e do roteiro, estruturam as mídias.

O procedimento adotado para a investigação foi a categorização. Com base na revisão bibliográfica, optamos por realizar uma análise de tipo *a priori* dos materiais. Assim, o primeiro momento foi o de assistir e transcrever obras dos grupos referidos. As categorias utilizadas foram dispostas no quadro 1 para facilitar a análise:

Quadro 1 - categorias do estudo.

Nome da categoria	Descritor
Violência	Momentos em que há violência física ou simbólica em brigas ou discussões.
Trapaças	Quando há utilização de subterfúgios para obtenção de benefícios (entre elas a diversão), gerando efeito cômico.
Família	Relação com a socialização primária.
Trabalho	Ponto de vista do moleque sobre a subsistência autônoma por meio de uma carreira.

Fonte: autoria própria.

A partir dessas categorias vai se produzir a abordagem do material empírico. Mas antes disso é preciso apresentar a proposta dos comunicadores.

4 MAMONAS ASSASSINAS E HERMES E RENATO

Nesta seção são contextualizadas as duas mídias conhecendo os seus produtores. Um deles atuou nos anos 90 por meio da música e o outro atuou com mais destaque nos anos 2000 por meio da dramaturgia (embora tenha tido também incursões na música, como veremos adiante).

A banda de rock cômico MA começou com o nome Utopia e era de um rock mais contestatório e melancólico, inspirado nas bandas dos anos 1980. No entanto, fora dos palcos, os músicos eram muito espirituosos:

Como Utopia, o grupo lançou apenas um disco, com o mesmo nome da banda, em 1992. O LP tinha apenas seis canções e foi um fiasco comercial: das 1 000 cópias produzidas, apenas cem foram vendidas. Mesmo assim, o grupo seguiu fazendo pequenas apresentações na periferia de São Paulo (REDAÇÃO, 2016, s/p).

Ou seja, o grupo estava restrito a shows de rock para quem admirava o gênero, porém não se conseguia vender os discos da banda. É importante ressaltar que os integrantes eram bastante resilientes, e utilizavam um estúdio de produção musical no qual, um dia, gravaram uma música para parentes na madrugada (a música "Pelados em Santos"), abdicando das letras tristes do Utopia.

Todavia, carece-nos citar que a banda era composta por homens de classe média baixa, o que explica muitos dos atravessamentos discursivos encontrados nas letras, como críticas à má gestão política, à desigualdade social, o vislumbre com a globalização que chegava ao país, e a resistência a discursos conservadores que normalmente barram enunciados que falem de sexo (LIMA, 2018, p.19).

Mas esse trecho não explica o sucesso da banda "Mamonas Assassinas", que foi meteórico: tornaram-se ídolos de crianças e adolescentes, alcançando o topo das paradas de sucesso nos anos 1990, mesmo que o sucesso do único CD tenha durado pouco mais de um ano, interrompido por um acidente aéreo em 1996, quando seu avião particular se chocou com a Serra da Cantareira.

Todavia, já haviam tentado o sucesso como uma banda de rock nos anos 1980 chamada Utopia que, em que pese o reconhecimento de sua qualidade artística - paradoxalmente, melancólica a ponto de não se reconhecer os mesmos integrantes da banda vindoura - estava fora de sintonia com o mercado noventista, no qual grupos como Legião Urbana ou Titãs não eram mais hegemônicas.

As brincadeiras com a plateia antes e depois dos shows nas periferias de São Paulo mostraram um forte engajamento do público, o que foi um insight para ocasionar a mudança de foco: foi alterado o nome do coletivo e foram compostas novas faixas para um CD demo, a qual agradou a produtora EMI-Odeon, a qual comercializou o produto. 1 milhão de cópias foram vendidas e os membros faziam cinco shows por semana, até o momento do acidente (WERSHING et. al., 2006).

A morte acidental proliferou uma série de homenagens e, até hoje, a banda possui *status* de única no rock cômico brasileiro, embora existam outras do mesmo gênero como Os Seminovos, Pedra Letícia, Massacration etc. O humor da banda acontecia tanto nas letras quanto nas melodias e nos trajes dos integrantes, e o enfoque foi a cultura brasileira, o que sem dúvida ajudou na sua popularização espontânea.

De outro lado, HR era um grupo de amigos que gostava de fazer paródias filmadas na infância, o que era um *hobby* e uma diversão. Um dia a MTV abriu um concurso e eles mandaram a fita com muito material, de modo que lhes foi oferecido um programa na emissora:

Os cinco humoristas que compõem o grupo de "Hermes e Renato" (Fausto Fanti, Bruno Sutter, Adriano Pereira, Felipe Torres e Marco Antônio Alves, todos naturais de Petrópolis, no Estado do Rio de Janeiro) apareceram pela primeira vez na MTV Brasil após enviarem uma fita VHS para o canal, em 1999, no programa 'Voz MTV'. A fita continha uma compilação de sátiras de comerciais e filmes da época e, assim que foi ao ar, conquistou não só o público como os próprios funcionários do canal. A partir daí, a trupe, que até então fazia somente gravações caseiras, ganhou um quadro na programação sem periodicidade constante (geralmente duas vezes por ano). Aos poucos, conforme 'Hermes e Renato' ia conquistando audiência e chamando cada vez mais atenção, ganhou um programa próprio e com horário fixo. 'Hermes e Renato' foi ao ar na MTV Brasil entre os anos de 2000 e 2009 (ARAÚJO, SOBRINHO, 2011, p.2).

Contudo, ao romperem o contrato com a MTV e assinarem com a rede Record não puderam levar as propriedades intelectuais consigo, renomeando o grupo para Banana Mecânica (paródia do livro "Laranja Mecânica"). Bruno Sutter retornou para a MTV posteriormente para apresentar um programa que misturava comédia e *Heavy Metal*; pouco tempo depois o restante do grupo voltou novamente para a MTV, até o fim definitivo da emissora.

Além das esquetes, o grupo possuía personagens fixos como os próprios HR, que são baseados nas pornochanchadas brasileiras da época do regime militar. É digno de nota que um dos fundadores, Fausto Fanti, suicidou-se em 2013

em decorrência de um quadro depressivo grave. Quais são as características desse grupo?

Tornou-se conhecido pelo humor escrachado, e tentava reproduzir novelas, videoclipes e cenas da vida cotidiana, com recursos visivelmente de baixo custo, para tentar criar a atmosfera do humor tosco, sobretudo abusando de xingamentos que normalmente não eram explorados pelas emissoras de TV aberta (GOMES, DOS SANTOS, DE ARAÚJO, MOTA JUNIOR, 2017, p.145).

Por esta definição, é possível observar que o humor do HR é totalmente voltado para a suspensão no sentido já discutido anteriormente, baseado em romper as regras usuais para produzir humor em cima dela. O grupo também possuía uma banda de paródia chamada Massacration, que atingiu certo sucesso comercial e foi produzida pelo músico João Gordo.

Importante destacar que existem algumas semelhanças entre os grupos. A primeira é que os membros não eram profissionais, não possuíam formação na área de atuação e aprenderam com a prática. A outra questão é que pertenciam ao eixo Rio-São Paulo, vindos de cidades do interior. Por fim, a paródia é a força motriz de ambas, o que trás o ônus de a mídia ficar datada muito rapidamente e ser incompreensível mais rapidamente.

Em relação às diferenças, se pode citar o fato de que os integrantes de HR já atuavam desde crianças e tiveram uma carreira bem extensa, além de lidar com outras mídias, como a musical, por exemplo. Também houve mudanças de formação em HR, o que não chegou a acontecer com os MA, ao menos não depois do sucesso. E ainda, outra diferença é na proposta, pois HR foi propositalmente grotesco como uma ferramenta para produzir humor, enquanto MA teve muito esmero na execução final (talvez por conta da mídia).

5 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção serão analisados materiais empíricos coletados de acordo com as categorias de análise. O objetivo é produzir, mais adiante, uma análise global, que articule todos os dados levantados e resulte em uma definição conceitual. A primeira categoria a ser analisada é a violência.

Violência

São apresentados os modos como se desenrolam e são interpretadas as situações de violência, de embate, haja vista que essas situações são essenciais para se entender o humor moleque, pois a violência está sempre à espreita e o moleque consegue evitá-la para obtenção de seus benefícios. O primeiro trecho a ser analisado é de uma das letras escritas pelos MA:

[...] Te falei que era importante competir
Mas te mato de pancada se você não ganhar [...].

Nesta música é possível observar alguns caracteres interessantes. O primeiro é a contradição (que gera o cômico): a ameaça diante de um contentamento, inversão de expectativa típica desse tipo de humor. O moleque prefere utilizar as próprias mãos, o que remete à não liminaridade.

[...] Quando eu me lembro de você
Dá vontade de bater
De espancar o meu amor [...].

Essa fala é ambígua porque "meu amor" pode ser o sentimento ou a namorada. De novo com as mãos (espancar), o que novamente nega as armas dos adultos. Outro trecho interessante é o que é relatada uma migração de um nordestino para São Paulo:

[...] Me alevantei, o dono da mula gritando
O povo em volta tudo olhando e ninguém pra me socorrer
Fugi mancando e a multidão se amontoando
Em coro tudo gritando: Baiano, cê vai morrê! [...]

O moleque, insatisfeito com o seu ambiente natal, migra para São Paulo na perspectiva de conseguir ascender socialmente - e se desloca até lá no lombo do Jumento. No entanto, na cidade, ele se confunde com um sinal vermelho e acaba colidindo com o dono de uma mula. Nesse momento ele está lidando com o mundo, que se volta contra ele, pois não há "[...] ninguém para me socorrer[...]" e a "[...] multidão [vai] se amontoando [...]", apreciando a violência que está para ser praticada contra ele. Ele foge mancando, o que reforça a sua decepção, com a turba desejando a sua morte. É nesse momento

que ele retorna para a sua terra e é caçoado por seus conterrâneos sendo chamado de “cabeção” (no sentido de pouco culto).

Já em HR a violência é percebida muito mais seguidamente nas diferentes esquetes e, se manifesta através de muitos personagens e situações. Um exemplo é em uma esquete que são parodiados policiais:

Linhares: encosta aí, encosta aí, o Jamaica. Que porra é essa?
Suspeito: é cigarro.
Linhares: revista aí. Abre as pernas aí.
Suspeito: eu to esperando a hora de pegar no serviço”
Pereira: vira de frente, vira de frente.
Linhares: levanta essa camisa.
Suspeito: eu não tenho nada não.
Pereira: o que você tá fazendo essa hora aqui, mermão?
Suspeito: tô na hora do almoço, doutor
Pereira: tu é vagabundo, hein” (HERMESERENATOOFICIAL, 2016, s/p)

Neste trecho os policiais estão utilizando sua prerrogativa de autoridade para achacar o personagem. Seria possível alguém dizer que, por se tratar de um personagem negro, ele estaria sofrendo preconceito. Porém, o conjunto da obra não dá suporte a essa afirmação: os atores interpretam diferentes papéis e isso os faz utilizar uma miríade de acessórios grotescos (o que nos faz perceber a farsa e produz a derrisão).

A violência aqui aparece como imposição pessoal, o moleque não convive diretamente com o Estado (ou se há Estado, ele é corrupto para corresponder a essa visão pueril e edipiana). Assim, se torna um recurso cômico porque está esvaziada de significado político. Em HR a violência é mais extrema e em MA a violência é mais física.

Trapaças

As trapaças são uma maneira que o moleque tem de conseguir em curto prazo os benefícios que um adulto conseguiria a longo prazo, com o seu trabalho. Logo, a sua análise é essencial para se entender o humor moleque, pois ele, além de obter o benefício desejado, também gera o efeito humorístico. Por exemplo, MA retratam um eu-lírico que sofre a trapaça da namorada:

[...] A kombi quebrada lá na praia
E você de mini-saia
Dando bola para um alemão
O alemão de carro conversível
Eu mexendo nos fusível
Nem vi quando você me deixou [...].

Observa-se novamente a presença do mais forte, porém financeiramente, que é o Alemão. A namorada trapaceia o eu-lírico ao comparar o carro conversível com a kombi e a minissaia é o símbolo do roubo. Nesse caso, podemos perceber que a vida adulta, no caso o envolvimento do eu-lírico em um relacionamento, foi suplantado pelo detentor de bens materiais mais caros.

Uma outra característica desse humor é que ele possui grande amplitude temática, pois não precisa se comprometer com uma coerência, ele pode se referir a qualquer assunto sem um tipo de eixo. Não é sem razão que até mesmo os animais são abordados, porém em uma interpretação moleque:

[...] As pombas quando avoam
Por incrível que pareça ficam sobrevoando
Com seu cu amirando em nossas cabeças
Daí vem a rajada de sua bazuca anal
Já tem pomba com mira a laser
O tiro sai sempre fatal [...].

Segundo as necessidades naturais, as pombas evacuam durante o seu vôo e isso provém do seu instinto. No entanto, na música, a pomba não é só “natural”: ela também tem a intenção e para melhorar a trapaça utiliza mira a laser. Logo, ela tem a satisfação de transformar algo natural em algo potencializado, que será objeto de riso para o impretador. Porém, essa seria uma metáfora perfeita para falar da natureza humana. Podemos ver nesse trecho essa lógica se ampliando:

[...] A polícia é a justiça de um mundo cão
Mês de agosto sempre tem vacinação
Na política o futuro de um país
Cala a boca e tira o dedo do nariz [...].

Podemos observar alguns aspectos interessantes, como a expressão “mundo cão”, cuja solução seria a “polícia”. Nesse sentido, o mundo cão poderia ser esse lugar desconfortável para quem não é malandro, quase um estado de

natureza hobbesiano e o fato de se falar de polícia e justiça pode ser uma grande alusão à trapaça. Mas o eu-lírico busca, ainda pensar as soluções para esse mundo, como a vacinação, a política, porém o moleque parece não estar atento a isso: “cala a boca e tira o dedo do nariz”.

Boça: meu, não sei o que aqueles chineses sacanas me deram para comer, eles me zoaram. Aquele negócio que eles me deram para comer que... nossa, me zuou o estômago... era melhor ter comido yakisoba [...] [apresentando]: gostaram, meu? Por causa dessa puta matéria eu fiquei uma semana com intoxicação alimentar, em coma, mas eu faço isso por vocês” (HERMESERENATOOFICIAL, 2017)

Boça visitou uma cidade chinesa - que evidentemente era o Bairro Liberdade da cidade de São Paulo, o compõe parte da graça porque é fácil de romper com a farsa apenas observando a arquitetura e os transeuntes - e foi enganado por toda sorte de comerciantes. Como se tratou de culinária, foram feitas toda sorte de piadas escatológicas com os “chineses” ao fundo rindo. A ideia aqui é que eles tem o poder da alimentação e conseguem enganar Boça, que precisa ser o “mané”.

Pela suspensão que promove, o moleque não consegue se inserir com solidariedade na sociedade que o circunda. Logo, para acessar relações e pessoas ele precisa utilizar-se da inverdade. Tem sempre um “malandro” e um “mané”, sendo que o moleque pode sofrer ou praticar a trapaça, cumprindo os papéis.

Família

A família é uma categoria essencial para se pensar o humor moleque, uma vez que ela é um dos parâmetros mais estabelecidos para que se produza a suspensão dos sentidos. Dessa maneira, o seu estudo é revelador na medida em que ela é um fenômeno quase universal.

Em HR, como há menos eu-líricos e sim personagens, é possível ver muitas configurações familiares. Desde as famílias nucleares tradicionais até outras configurações familiares. Um dos casos é do personagem Luís Boça, sobre o

qual foi feita uma paródia de novela chamada "Sinhá Boça", corruptela do nome "Sinhá Moça", que na época estava tendo um *remake* na Rede Globo no horário das 18h. Uma cena muito importante para a análise dessa categoria é trazida dessa "novela":

Boça: Cheguei! E aí, família? Vozinha! Pai! O que tem pra comer hoje, vó?

Vovó: eu fiz o que você mais gosta, Bocinha, carne moída (PEROLAS HERMES E RENATO, 2015, s/p)

O interessante é que o personagem não possui uma família nuclear tradicional - ele possui um pai que não trabalha e sua mãe não é mencionada, porém sua avó cumpre a função de proteção exagerada, o que talvez ajude a criar o "mané" a ser trapaceado e gerar o efeito cômico. Nessa fala em específico, podemos perceber a avó agradando ao neto, protegendo-o do mundo (no caso o pai explorador) e o tornando inepto para ele. Em MA temos a família aparecendo no sentido contrário:

[...] Eu queria um apartamento no Guarujá
Mas o melhor que consegui foi um barraco em Itaquá
Você não sabe como parte um coração
Ver seu filhinho chorando querendo ter um avião [...].

Para o eu-lírico, a família o expropria, produzindo uma relação pessimista na qual ele não possui nenhum benefício, apenas a frustração de não lograr seus objetivos. Nesse caso, o pai de família é o contrário do moleque e sofre com as responsabilidades. Ou seja, a responsabilidade é tóxica para o homem e o humor reside em ressaltar as expectativas que são impossíveis de serem alcançadas.

Nesta categoria vamos encontrar os momentos em que a família evidencia a socialização primária do moleque, porque ele tem espaço para ser moleque, já que sua família permite que ele não precise assumir a responsabilidade. Para o grupo paulista, no entanto, assumir a responsabilidade é certeza de se sentir frustração. Uma das responsabilidades é a de se estar no mercado de trabalho.

Trabalho

A categoria trabalho é essencial porque ele é um *locus* privilegiado para estudar a colocação do moleque no mundo. Afinal, em teoria, as crianças e adolescentes não precisam trabalhar, então um adulto que não procura exercer uma profissão pode estar exercendo a função de moleque. O que os dados empíricos nos dizem?

MA se refere ao trabalho em alguns momentos de suas músicas. A primeira é quando o eu-lírico é um operário padrão da construção civil:

[...] Quando eu estou no trabalho
Não vejo a hora de descer dos andaime
Pra pegar um cinema do [Arnold] Schwarzenegger
Também o [Jean Claude] Van Daime [...].

Nesse caso, fica reforçado que o trabalho não é um lugar de prazer, e sim de responsabilidade. O cinema de ação, nesse caso, reflete um gosto moleque pela violência descompromissada com o contexto social, o "não vejo a hora" ilustra o desejo de suspender a estrutura trabalhista. O trabalho parece não ser o sinônimo do dinheiro no seguinte trecho:

[...] Money que é good nós num have (heavy!)
Se nós hevasse nós num tava aqui playando
Mas nós precisa de worká [sic] [...].

Este trecho, aliás, poderia ser uma referência a banda Utopia na medida em que as seguidas tentativas de emplacar a antiga banda não foram efetivas, o que resultou na reformulação. Assim, o moleque desiste do mundo do trabalho sério e se direciona diretamente para o humor, o que o permite apossar-se desse mundo corporativo por meio da derrisão. Outra letra interessante é:

[...] Depois desse sofrimento, a maior desilusão
Pra aumentar o meu lamento, foi-se embora meu jumento
E me deixou com as prestação
E hoje eu tô arrependido de ter feito imigração
Volto pra casa fudido, com um monte de apelido
O mais bonito é cabeção! [...].

O jumento, no caso, foi “incrementado” com a vida do migrante em São Paulo, porém o mesmo foi-se embora dentro da vida citadina. HR fala muito mais de trabalho por conta de sua infinidade de personagens, o que possibilita o contato com muitas profissões. Como não poderia deixar de ser, há um adulto que representa a chefia: “Chefe: Escuta aqui, seus merdas, eu tô saindo. Vê se ageita essa porra dessa lareira aí, a parede lá em cima e esse disjuntor, ele vai dar merda, arruma isso aí logo” (HERMESERENATOOFICIAL, 2020, s/p). Nesse caso, podemos observar que a ameaça é, na verdade, o exercício de um poder narcísico, que não há a necessidade da relação violenta.

Mas isso poderia se pensar que o problema é com o cargo de pedreiro em específico, porém não é. O personagem Joselito tem uma esquete onde ele passa por vários empregos após uma fala do narrador: “Narrador: Hei, Joselito, a vida tá difícil, né? Tá com bolso vazio. E que tal você arrumar um emprego, Joselito? ter seu próprio dinheiro, se sustentar...Que tal?” (HERMESERENATOOFICIAL, 2017b, s/p). Nesse caso, a responsabilidade é o que permite ao indivíduo ter dinheiro, porém o personagem cumpre as obrigações de maneira completamente alheia ao esperado. Nesse sentido, nenhum fala diretamente do cotidiano do trabalho, mas sim das implicações do trabalho: ele não conduz às satisfações das necessidades da vida adulta, que produz a frustração. Assim, o trabalho é um rito de passagem que não conduz para a autonomia, mas sim para a escravidão da vida adulta.

6 ANÁLISE GLOBAL

Após a análise das categorias, é possível engendrar uma definição conceitual do humor moleque. Em primeiro lugar, pode-se afirmar que se trata de um humor do “agora”, ou seja, daquilo que toca a existência do humorista diretamente, de um certo *zeitgeist*. Ou seja, a estrutura do social está completamente presente para poder ser negada, o que transforma o humor moleque em uma suspensão de determinados sentidos ligados a uma cultura em determinado momento do tempo.

Observa-se que nas quatro categorias circulam a ideia geral dos pólos “malandro” e “mané”. O moleque deseja ser o malandro sem pensar nas consequências disso e sem ter toda a sua malícia, e o mané é o adulto que assume responsabilidades e se frustra com um mundo no qual a felicidade verdadeira é impossível.

Mas é possível aprofundar um pouco mais esse debate, pois o moleque é ambos simultaneamente: por um lado ele é inocente por ser o espelho do mundo e não refletir sobre ele; porém também é malandro na medida em que não precisa construir nada duradouro e estável, pois a sua atividade é justamente brincar com o que tem essas possibilidades.

Assim, o malandro seria algo como um “Loki (deus nórdico da trapaça) inocente”. O personagem Luís Boça ilustra perfeitamente essa dualidade: ele é o mané que sofre as molecagens e a sua inocência não o deixa perceber. São, portanto, todas as pontas do processo unidas, quase como um modelo explicativo, didático e acabado dessa grande lógica, uma grande metonímia.

Portanto, a derrisão moleque se caracteriza por negar as estruturas de uma vida adulta e responsável, que constrói a longo prazo. A violência, portanto, nega o processo civilizador descrito por Elias, a trapaça nega a necessidade da maturidade para se alcançar objetivos, a família nega a responsabilidade que poderia fazer do moleque um adulto autônomo e a atividade do trabalho nega a possibilidade do sucesso e por isso não se pode recompensar um investimento a longo prazo. As fontes dessas concepções morais podem variar, pois os MA nitidamente se desencantaram com o desencanto da banda Utopia e os integrantes de HR trabalhavam em diferentes ocupações antes da MTV. Assim, interiorizar esse senso de humor deve ser rastreado empiricamente de acordo com a mídia que está sendo executada e o seu proponente.

Em síntese, a definição do conceito poderia ser a seguinte: o humor moleque é aquele tipo que suspende os sentidos a partir da cultura compartilhada e

produz o riso por meio de temas que não são aprofundados e que são negados logo em seguida para produzir a surpresa.

Nesse sentido, MA e HR são representantes de humor moleque na medida em que são capazes de produzir esse tipo de condições para a produção da derrisão, o que confirma a hipótese de existir esse tipo de subcategoria de humor.

Desse modo, é possível analisar, a partir desse conceito, outras mídias de humor, porém é preciso estar atento a essas características. Por exemplo, Monty Phiton brinca com o contexto, porém também brinca com a história e com a cultura, o que já torna um humor de referências mais “profundas” e que não são tão datados como é o humor moleque. Já o programa Sai de Baixo, por exemplo, é um humor mais datado, porém há referências artísticas como o teatro grego que tornam a mídia mais aprofundada e enraizada.

Seria possível um humor moleque fora do Brasil? Essa é uma questão que pode ser aprofundada em estudos futuros, buscando desenvolver como o social é ressignificado no humor.

É interessante que esse tipo de humor permite uma discussão muito relevante pelas vias do existencialismo. Nesses termos, o humor moleque permite um “ser-aqui” e um “ser-aí” simultâneo, pois a molecagem prejudica a imersão (pois não se acredita naquilo que se vê), mas cria a cumplicidade e favorece o riso de alguns públicos (pois outros exigem a imersão como pré-requisito para a apreciação). É como se o espectador construísse o programa com seu significado, pois o não acabamento precisa desse preenchimento com a descoberta da farsa - ou do simulacro, a depender do referencial teórico que for adotado pelo analista.

Outra questão interessante é que a linguagem conotativa não parece ter poder para o moleque. Assim, o valor da palavra é baixo para o moleque, não há literalidade nela, o que pode ajudar a explicar algumas questões sociais, relacionadas a tensões identitárias.

Por exemplo, se o moleque não dá tanto peso às palavras como definidoras das relações, ele não vai se incomodar com brincadeiras, o que outros indivíduos podem levar literalmente e interpretar como um humor por depreciação e de superioridade. Altercações sobre a ética do humor negro (que poderia ser uma subcategoria do humor moleque) podem se basear justamente no valor dado as palavras: o humorista acredita que as palavras não estão definindo a realidade, mas sim refletindo sobre elas.

Por fim, é possível afirmar que a molecagem pode ser séria (ainda que não ciente das consequências) ou apenas não-engraçada, porém ela e o humor possuem uma afinidade eletiva por causa da natureza do seu contato com a estrutura social. Assim, seria mais fácil para um moleque ser engraçado do que outras pessoas, justamente por causa dessa propensão para a suspensão. Um exemplo prático disso seria o personagem Will Smith, de "Um Maluco no Pedaco", que pode ser descrito como um moleque que utiliza o humor, embora suas falas e atitudes remetam mais ao malandro. Porém, a mesma característica pode afugentar o humor quando ele passa o limiar e se torna "bobo", quando o interlocutor para de participar da comunicação e ela perde o seu "encanto".

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo foi investigada a categoria "humor moleque" por meio do escrutínio das palavras produzidas pelos grupos humorísticos MA e HR. Para tal fim se realizou uma análise de conteúdo por meio de 4 categorias: violência, trapaça, família e trabalho, as quais encaminharam para uma definição conceitual, que, se espera, consiga trazer novas discussões. Terminaremos o texto com algumas reflexões teóricas oportunizadas pelo tema.

O humor moleque hoje em dia não é o mais favorecido e popular, por dois motivos: primeiramente a sua suspensão da estrutura pode ofender valores de alguns indivíduos (e se defendem reativamente) e grande parte do público parece exigir mais "aprofundamento" no humor, o que o humor moleque não

consegue fazer devido à sua própria definição: a brincadeira impede o aprofundar, pois o aprofundar acabaria com a própria brincadeira por redimensionar a percepção.

A paródia compõe parte do humor moleque, mas não é a sua integralidade. Há a possibilidade de se pensar o moleque pela via de um tipo de pensamento mais voltado para a contestação do mundo na medida em que torna explícita uma farsa. Assim, essa reflexão se desdobra no fato de que esse humor de suspensão se opõe a um de imersão no real, como costuma ser o *standup*. Assim, rir do cotidiano por ser o cotidiano da vida humana se opõe a achar que esse cotidiano não vale a pena e não leva à felicidade. Com relação aos MA, o grupo Utopia revelou-se essencial para entender os MA, pois parece ser o adulto que não deu certo e que virou o moleque.

Por fim, não é impossível que o desfecho dos grupos fosse semelhante: a existência do Utopia pode indicar a presença de pensamentos bastante melancólicos nos integrantes do MA - aliás, essa banda foi a escolha artística dos membros, enquanto a opção comercial foi pelos MA. Aparentemente, a depressão e o humor moleque também podem ter alguma afinidade, pois a falta de sentido de um (a doença) suspende, por consequência, as estruturas do mundo social.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Aurélio Augusto de Oliveira; SOBRINHO, Gilberto Alexandre. O saco de risada e tudo mais no liquidificador: a invenção televisiva de "Hermes e Renato". **Iniciacom**, v. 3, n. 1, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

DAWSEY, John C. Victor Turner e antropologia da experiência. **Cadernos de Campo**, v. 13, n. 13, p. 163-176, 2005

GOMES, Itani; DOS SANTOS, Thiago Emanuel Ferreira ; DE ARAÚJO, Carolina Santos Garcia; MOTA JUNIOR, Edinaldo Araujo. Temporalidades Múltiplas: análise cultural dos videoclipes e da performance de Figueroas a partir dos mapas das mediações e das mutações culturais. **Contracampo Niterói**, v. 36, n. 03, 2017.

HERMESERENATOOFICIAL. **Aventura Gastronômica na China** | Boça Espetacular. Youtube. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y4cg2RzmgjA>. Acesso em: 12/05/2021.

_____. **Facada no Bucho, Nota Fiscal | Linhares e Sua Turma**. YouTube. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xSfvkyhwAeo>. Acesso em 12/05/2021.

_____. **Pedreiros Da Puta Que Pariu**. YouTube. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ukVkkVlbJrw>. Acesso em 12/05/2021.

_____. **Procurando Emprego | Joselito**. YouTube. 2017b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mtYG-WfUKN4>. Acesso em: 12/05/2021.

HILLESHEIM, Betina; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. De que infância nos fala a psicologia do desenvolvimento? Algumas reflexões. **Psicologia da Educação. Psic. da Ed.**, São Paulo, 25, 2º sem. de 2007, pp. 75-92

LIMA, Maurício Divino Nascimento et al. **Loucura, insensatez, estado inevitável: discurso, humor e ironia em Mamonas Assassinas**. 2018.

LOPES, Ricardo Cortez Lopes. **Repraesontologia: fundamentos da ciência das representações**. São Paulo: UICLAP, 2024.

NETO, Francisco Secundo da Silva. O humor moleque como potência e representação—ensaio sobre uma filosofia da molecagem. In: COSTA, Gustavo (Org.). **Nietzsche - Schopenhauer: jornadas inóspitas**. Fortaleza : EdUECE, 2017.

OLIVEIRA, Maria Claudia Santos Lopes de. Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica. **Psicologia em estudo**, v. 11, n. 2, p. 427-436, 2006.

PASCHOALICK, Rosele Ciccone; LACERDA, Maria Ribeiro; CENTA, Maria de Lourdes. Gênero masculino e saúde. **Cogitare Enfermagem**, v. 11, n. 1, 2006.

PEROLAS HERMES E RENATO. Hermes e Renato - Sinhá Boça [Completo]. YouTube. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J3fTnVxuUe0>. Acesso em 12/05/2021.

REDAÇÃO. Morte dos Mamonas Assassinas completa 20 anos. Relembra trajetória. 2016. **Veja**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/morte-dos-mamonas-assassinas-completa-20-anos-relembra-trajetoria/>. Acesso em 07/05/2021.

TABACARU, Sabina. Uma visão geral das Teorias do Humor: aplicação da Incongruência e da Superioridade ao sarcasmo. Trad. Douglas Rabelo de Sousa, Maria Gabriela Rodrigues de Castro, Winola Weiss Pires Cunha, Filipe Mantovani Ferreira. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, n. 9, p. 115-136, dez.2015.

WERSHING, Ana Carolina de Almeida; DA SILVA, Ana Carolina Pereira; REIS, Daniela de Freitas; CASERI, Felipe Pissolati; MARQUES, Monique Vaz; ERBA, Natália

Ferraz de Camargo; DANELLUCCI, Natália Chiapini. **Valores morais internalizados: um estudo a partir da produção do grupo do "Mamonas Assassinas"**. Projeto de trabalho de conclusão de curso (graduação em Psicologia). Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis, 2006.

ZILLES, Urbano. O significado do humor. **Revista FAMECOS**, v. 10, n. 22, p. 83-89, 2003.

SOBRE O AUTOR:

Ricardo Cortez Lopes

Doutor e mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), licenciado em Ciências Sociais pela mesma instituição. Tutor do curso de Licenciatura em Robótica e Educação da UFRGS.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0808-7203>

E-mail: rshicardo@hotmail.com

Artigo recebido em: 15 jun. 2023. | Artigo aprovado em: 23 maio 2024.